

## Procura-se uma psicóloga: narrativa de uma “clínica<sup>1</sup> menor”

*Jessica Tatiane Felizardo*<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo

**Resumo:** O presente ensaio visa a refletir a respeito das práticas e ferramentas de uma “clínica menor” situada numa ONG *clandestina* no estado de Minas Gerais. Traz a narrativa dos processos de se tornar “psicóloga” na pandemia. Indago se a Psicologia carece de estudar suas práticas e o que tem interessado à Psicologia no atual presente. Diante disso, a “clínica menor” trata de afirmar a resistência e pôr corpos/corpes/corpos de pé apesar das opressões e marcadores sociais que rotulam e negam suas existências.

**Palavras-chave:** formação; “Clínica”; narratividade; subjetividade.

FELIZARDO, Jéssica Tatiane. Procura-se uma psicóloga: narrativa de uma “clínica menor”. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 9 (20): 27-40, maio a agosto de 2022. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> A “clínica” com “k” trata-se de pensar seu processo, tendo como eixo o paradigma estético, ético e político (GUATTARI, 1992). Tal aposta propõe uma “clínica” anti-hegemônica. Tendo, aqui, dar pistas e traçar ferramentas que sustentam outros modos de se entender como clínico e de se fazer “clínica”, tendo como aliança, primeiramente, o encantamento com a vida e os encontros aos modos de Spinoza (2019).

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

## Looking for a psychologist: narrative of a minor klinical

**Abstract:** This essay aims to reflect on the practices and tools of a “minor clinic” located in a *clandestina* NGO in the State of Minas Gerais. It brings the narrative of the processes of becoming a psychologist in the pandemic. I ask if Psychology needs to study its practices, and what has interested psychology in the current present. Faced with this, the minor clinic is about affirming resistance, and putting bodies/bodies on their feet, despite the oppressions and social markers that label and deny their existence.

**Keywords:** training; klinic; narrativity; subjectivity.

## Búsqueda psicólogo: narrativa de una clínica menor

**Resumen:** Este ensayo tiene como objetivo reflexionar sobre las prácticas y herramientas de una “clínica menor” ubicada en una ONG *clandestina* en el estado de Minas Gerais. Trae la narrativa de los procesos de convertirse en psicólogo en la pandemia. Pregunto si la Psicología necesita estudiar sus prácticas y qué le ha interesado a la psicología en el presente actual. Frente a esto, la clínica menor se trata de hacer valer la resistencia, y poner los cuerpos/cuerpos/cuerpos de pie, a pesar de las opresiones y marcadores sociales que etiquetan y niegan su existencia.

**Palabras clave:** formación; clínica; narratividad; subjetividad.

**Imagem 1** - Registro da entrada na ONG clandestina



**Fonte:** Registro pessoal

Qual a natureza da atuação política que se esconde *sob* as chamadas ‘práticas psi’? Via de regra, uma prática que justifica a desigualdade social, a exclusão, o confinamento, o preconceito; via de regra, uma prática que quer ajustar os desviantes, que arredonda as arestas de respostas de resistência justas e saudáveis, patologizando-as em nome da ordem e do progresso. Discurso lacunar, suas concepções quase sempre omitem as questões da ideologia e das relações de poder e explicam comportamentos reduzindo-os a uma dimensão psicológica reificada. (PATTO, 1995: 1 - grifo da autora)

**O** ensaio em roga parte das mãos de uma psicóloga<sup>3</sup> de formação, poeta<sup>4</sup>, artista autodidata e feitora de pão e pizza. Diante de um necrotempo de guerra, tenho me permitido refletir a respeito de uma “clínica menor” bem como espiado o tempo presente, tendo como aposta a política da amizade, segundo Danichi Mizoguchi (2013), em sua tese *Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós*. O autor produz como reflexão: em que mundos e amizades apostar em tempos de guerra, ruínas e construção? Dessa forma, atravessando tempos devaneios, uma pista de cuidado de si é apostar na amizade. Pois, é possível realizar uma construção de si e do mundo nas e pelas relações de amizade. Assim, ensina-nos Danichi (2013: 95), em suas palavras:

<sup>3</sup> Utilizo aqui “e”, entendendo a possibilidade de se usar e como linguagem neutra.

<sup>4</sup> Publicação da obra: O cheiro do não dito pela Editora Katsen no ano de 2018.

[...] não seria ela capaz de ajudar a criar outros mundos? Não seria ela a possibilidade de estilizar-se na presença de outro alguém, o quadro relacional de uma constante recriação de si, uma relação evidentemente provisória e aberta a novos posicionamentos do sujeito? Não seria ela, talvez, a possibilidade de riqueza que afastaria os modos de existência da miséria presente?

Dessa maneira, modula, na corpa que escreve a narrativa, a experiência de atendimentos psicológicos no período da pandemia numa ONG *clandestina*<sup>5</sup> situada num território de uma cidade do interior de Minas Gerais. Tal espaço é experimentado e habitado por mim, como um campo de produção de força e formação, onde a precariedade é o que une as pessoas em tempos pandemônicos. Sobre isso, Judith Butler (2019: 65) ressalta que as minorias, ao se unirem, estariam produzindo alianças. Ela comenta:

A precariedade é a rubrica que une as mulheres, os *queers*, as pessoas transgêneras, os pobres, aqueles com habilidade diferentes, os apátridas, mas também as minorias raciais e religiosas: é uma condição social e econômica, mas não uma identidade (na verdade, ela atravessa essas categorias e produz alianças potenciais entre aqueles que não reconhecem que pertencem uns aos outros).

As minorias que são majorias<sup>6</sup> (DELEUZE, 2013) marcavam sua singularidade nas sessões terapêuticas no espaço da ONG *clandestina*. Eram um bando de gentes que experimentavam naquele momento processos de adoecimento, porque não tinham um emprego, ou, quando tinham, era extremamente precário. Eram mulheres que não tinham condições de pagar o aluguel ou adquirir alimentos. Algumas foram assediadas e abusadas sexualmente em suas residências pelo próprio companheiro ou padrasto. “Corpas” patologizadas devido às suas orientações sexuais. Pessoas que sofreram preconceito por causa de sua escolha religiosa de matriz-africana. “Gentes” consideradas dispensáveis quando se trata de um corpo negro, pobre. Crianças em busca de espaços para serem crianças, de brincar, e não de serem, mais uma vez, enquadradas por um diagnóstico psiquiátrico.

Diante dessas demandas, como produzir aliança com a Psicologia? Como apostar na saúde, e não na doença, na vida ativa, saudável, na criatividade em contextos nefastos? Como desendurecer “corpas”, corpos, “corpes” engessados pelas normas e estratos duros? Quais ferramentas poderiam ser criadas para criações e invenções de si? Poderia se pensar, criar e reinventar uma “clínica menor” nesse contexto? Havia, como desejo de experimentação, não produzir doentes, mas fazer vir à tona uma vida criativa e saudável. Cristina Rauter (2012: 14) nos ensina:

A noção de estratégia clínica, também implicada nesta perspectiva, diz respeito a uma reformulação da atitude do terapeuta em relação ao saber. Uma postura ético-política, que corresponde também a uma busca muito mais pragmática do que de exegese teórica. Saber como isto funciona, o que isto produz, interessa muito mais do que saber ‘como se articula’ teoricamente. Esta postura coloca certamente a clínica no campo da invenção, da criação mesma, no campo da arte [...].

Assim, uma “clínica menor” da criação se faz por meio de uma aposta de bricolagens (DELEUZE; GUATTARI, 2014), onde propõe criar alianças com in-

<sup>5</sup> Por questão ética, optei por não compartilhar o nome verdadeiro da ONG.

<sup>6</sup> Deleuze (2013: 218) diz: “As minorias e as majorias não se distinguem. Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria”.

tercessores<sup>7</sup>, que facilitem a passagem, a descarregagem de pedras, esqueletos mortos, ressentimentos<sup>8</sup>, e propõe a passagem de ciclos “porvir”, proponente de processos de singularização. Desse modo, para germinar e cultivar uma “clínica menor”, seu processo é semelhante à semente de um “girassol”.

É relevante frisarmos que a Psicologia é um campo de conflitos e de disputa de poder<sup>9</sup>. Ao habitá-la, é preciso cultivar a terra, arar, para, então, dar início ao processo da colheita. A partir do momento que escolhemos apenas repetir modelos, por exemplo, afastamo-nos dos processos de singularização. Tais práticas de repetição impedem uma boa colheita, haja vista que “[...] as práticas ‘psi’ têm também produzido outros espaços que não os hegemônicos? Em que momentos encontramos rupturas que nos permitam afirmar algo de novo, de criativo? Afirmar outras percepções, outros modos de ser e de estar no mundo?” (COIMBRA, 1995: 6).

Lançar questionamentos a respeito das práticas psi e de quais “corpes”<sup>10</sup> com marcadores de gênero, classe, raça e sexualidade têm frequentado os consultórios de Psicologia e de como os consultórios se constroem na passagem topográfica de uma cidade. São questões que auxiliam a entender em quais práticas a psi tem investido!

De acordo com Luiz Funganti (s.d.), “Quando a coisa vai mal, chama-se um psicólogo, psicanalista ou psiquiatra, e outras tantas funções necessárias para corrigir esses que participam da construção de uma sociedade”. Cabe lembrarmos que, antes da profissão do “psicólogo”<sup>11</sup> ser regularizada por meio da Lei nº 4.119/62, sua figura foi, por muito tempo, substituída por um padre, curandeiro, benzedeira ou pela figura mais velha da família. Assim, diz vovó Líbia Vilas Boas<sup>12</sup> com seus 76 anos:

*Nunca frequentei consultório psicológico. Me sinto bem procurando um padre ou um benzedor. Essas coisas de hoje não faziam parte da nossa realidade antigamente. Na roça, qualquer vacilo a gente ia parar no hospício. Era os curandeiros e médicos da época que mandava a gente para lá.*

Isso posto, a Psicologia chegou ao Brasil a serviço da elite brasileira. Antes dos anos 1960-1970, a profissão ainda não era regulamentada aos modos de uma lei trabalhista. Foi no período de Ditadura Militar que a profissão foi regulamentada. Começou, a partir disso, a construção de uma psicologia comprometida com as práticas sociais e com as diversidades minoritárias no País (BOCK, 2010).

Em tempos de COVID-19, observamos como a escuta psicológica se afirmou como prática de cuidado para atravessar tempos tão duros e devastos que a/o/es “corpas”/corpos/“corpes” experimentaram. Todavia, seguimos questionando: quem tem e teve o direito à terapia neste País?

É neste contexto que começamos a pensar em “clínica menor” situada numa ONG como um lugar de passagem, como uma heterotopia, como um contraespaço. De acordo com Michel Foucault (2013) ao refletir sobre lugares que trans-

<sup>7</sup> Aqui, a “clínica” se soma aos recortes da literatura, das vozes das poetisas, do cinema, da música: “A criação são os intercessores. Sem eles não há obra”. (DELEUZE, 2013: 160)

<sup>8</sup> Há um texto impactante, intitulado “O discurso de Zarathustra”, na obra Assim falou Zarathustra (NIETZSCHE, 2011). O filósofo trabalha com as três metáforas, a saber: a criança, o leão e o camelo. A criança como metáfora seria aquele ser que sabe esquecer, que não é ressentida. Nessa parte, o autor chama a atenção que esquecer isso implica em não enlouquecer, não carregar esqueletos já mortos ou pedras que só pesam e nos fazem viver uma vida moribunda.

<sup>9</sup> Fala de Jesio Zamboni. Aqui, o pesquisador, traz um debate acerca da Psicologia e da adversidade sexual. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SGBfB3SyzAo&t=284s>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

<sup>10</sup> Utilizo aqui “e”, entendendo a possibilidade de se usar e como linguagem neutra.

<sup>11</sup> Utilizo aqui “e”, entendendo a possibilidade de se usar e como linguagem neutra.

<sup>12</sup> Avó materna. Reside em Lavras (MG).

portam para outros lugares na cidade, como exemplo, há as ruas que direcionam para um beco, trens, ou locais que possibilitam uma parada para um ar dentro do território da cidade, como cafés, padarias, bares, praias, praças etc. Nesse cenário, a ONG *clandestina* movimenta uma “clínica menor”, sendo um contraespaço dentro do território da cidade. Ela possui a entrada de uma porta, que lhe permite fazer virem à tona outros mundos possíveis. Sobre isso, Foucault (2013: 20) comenta: “A sociedade adulta organizou, e muito antes das crianças, seus próprios contraespaços, suas utopias situadas, esses lugares reais fora de todos os lugares”.

Nessa perspectiva, as crianças dão pistas do que seja possível criar, reinventar e experimentar a partir de seus jogos utópicos frente à prática do brincar, além da criação de contraespaços diante dos lugares onde habitam. Todavia, o francês vai ressaltar que, antes das crianças, os adultos já haviam criado os primeiros espaços heterotópicos, como manicômios, clínicas de repouso, prisões, conventos etc. A partir disso, é possível percebermos que as heterotopias também são espaços que capturam e tiram as forças dos indivíduos.

A “clínica menor” seria uma prática, que tem como aposta desenvolver um encantamento contraespaço capaz de transportar o sobrevivente (cliente)<sup>13</sup> para um campo imanente<sup>14</sup>. Imagina sair do cotidiano exaustivo da cidade e se transportar para uma “clínica” que propõe provocações e experimentações de si?

Para tanto, a “clínica menor” se desterritorializa numa ONG CLANDESTINA, que também é um lugar heterotópico. Ela está localizada na cidade de São João del-Rei/MG, a cidade dos sinos, conhecida por seu turismo e por sua historicidade. A ONG é um espaço que a todo o momento tem gente em busca de cuidado, escuta e ajuda. Na cozinha, há uma garrafa de café, quitandas e uma mesa para se acomodar. A ONG oferece oficinas gratuitas de karatê, futebol, balé para crianças, reforço escolar, atendimento psicológico, fisioterapia, alfabetização para adultos e cultivo de uma horta coletiva.

Nesse aspecto, a ONG, sendo esse espaço heterotópico na cidade, é um mecanismo de força extremamente potente. A experiência de habitá-la com uma aposta de uma “clínica menor” nos convoca a pensar o lugar da Psicologia, do consultório e das nossas apostas “clínicas”. Finalmente, indagamos: para onde a Psicologia tem nos levado? Pelo que a Psicologia tem se interessado?<sup>15</sup>

## Procura-se uma “psicólogo”

Neste processo pandemônico, houve um dia em que me entendi como psicóloga. Quis atender, praticar e produzir uma “clínica menor”, que apostasse nos

<sup>13</sup> Nise da Silveira tratava seus pacientes como clientes. Ela dizia que estava ali para servi-los e via muita capacidade de troca e transmissão de aprendizado com eles a partir do convívio. Ver sobre isso no documentário disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hMDTVYORpAM&t=138s>>. Para conhecer com mais afinco o trabalho da doutora Nise, veja, também, o filme O coração da Loucura, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bOrymJuwVvI&t=54s>>. Pensando em tudo isso, penso que as pessoas que foram procurar terapia na ONG *clandestina* eram mais que clientes; eram sobreviventes frente ao tempo pandemônico em que nos encontrávamos naquele derradeiro momento.

<sup>14</sup> “Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que atravessa este ou aquele sujeito vivo e aos quais certos objetos vividos dão a medida: vida imanente levando consigo os acontecimentos ou singularidades que nada fazem senão atualizar-se nos sujeitos e nos objetos”. (DELEUZE, 2016: 410)

<sup>15</sup> “As práticas de psi têm investido em quê? [...] “Um descuido de si”. Nós só somos violentos, nós só somos insalubres, na medida em que nos tornamos fracos. Quanto menos nós cuidados da nossa potência, da potência que acontece no corpo, da potência que se exerce através da mente. Quanto mais enfraquecidos nos tornamos, mais ou violentos, ou vítimas da violência nos expomos [...] Provoações urgente, o autor diz: É pelo campo afetivo que os nossos afetos diminuem e aumentam [...] Quanto mais eu me conheço, mais ativo eu fico. Aprender a usar o que acontece com a gente como fortalecimento [...] Por que descuidamos tanto das nossas potências? Por que não aprendemos a nos potencializar? [...] Xô as formas moribundas de viver [...] O passado não é aquilo que foi, é aquele que segue com a gente [...] Por que a gente se despreza e se joga tanto fora?” (FUNGANTI, s.d.).

processos da criatividade e afirmasse a vida em tempos indigestos. No período de isolamento da COVID-19, sempre recorri às linhas de fuga. Elas abriam espaços para as experimentações: a prática da leitura, pintura e escrita; experiências de ouvir música, meditação e cinema; caminhadas de tardezinha; cozinhar; fazer pão e pizza; e plantação de chás foram mecanismos que encontrei como linhas de fuga e formas de cuidado de mim durante esse período.

Pude perceber que essas experiências possibilitavam que meus dias fossem mais saudáveis e leves. Mas, calma! No meio disso tudo, também tiveram dias de encontros ruins, de solidão e de questionamentos sobre a existência. Frente aos maus encontros, optei por experimentar e criar ferramentas para lidar com tudo isso. Assim, apostar na criação de mim e numa vida saudável era me permitir estar em alguns lugares e inventar ferramentas para lidar com meus fenômenos psicológicos durante o isolamento.

Eu tinha como desejo tentar me libertar de algumas práticas, que, até então, não conseguia mais bancar, sendo o discurso da sexualidade heteronormativa. Não queria mais ter que demonstrar interesse ou elogiar essa masculinidade frágil e tóxica, ter que ir em reuniões na casa de familiares acompanhada de um homem para me enxergarem ou demonstrar abertura para construir uma família heteronormativa e aderir à maternidade. Eu temia muito de ter que repetir algumas dessas práticas de violências.

Antes do isolamento, éramos outras/outros/es. Se antes do isolamento, éramos outras que desconheciam estas que somos agora, o que a pandemia da COVID-19 mudou? O que permitimos deixar para trás? Eu vivia em outro Estado, distante dos familiares. Nisso, permiti-me relacionar sexualmente com outras mulheres. Quando voltei para a casa dos meus familiares, temi muito como ia experimentar o isolamento, sendo eu uma mulher cis, sapatão. Comecei a refletir se a casa onde passeia minha juventude seria um espaço seguro para mim. Cheguei a questionar se teria que me anular, mais uma vez, para atravessar essa guerra da COVID-19.

Eu tinha o sentimento de que eu teria que me esconder mais uma vez, que aquele momento de isolamento não era o momento de “sapatonar”, de ligar o *Tinder* na cidade interiorana mineira. Talvez, pensava que era o momento de me envolver com as atividades acadêmicas no ensino remoto, e dar suporte à minha família. Todavia, passaram oito meses. Lá, estava eu, num relacionamento sério com outra mulher, adiando o fim do mundo em motéis fuleiros pela cidade.

Ocorreu um dia em que resolvi apresentar a mulher com quem estava me relacionando para minha família não mais como amiga, e sim como companheira. Lembro que a reação dos meus familiares foi de acolhimento, mas, ao mesmo tempo, seus olhares e fofocas pelos cantos da casa expunham algo desconhecido: “O que vão dizer dela?” Bom, já era tarde demais. Eu pensava que, na época, “todes” iam morrer de COVID-19. Eu só desejava morrer sendo sapatão (risos).

Com isso, eu nasci na pandemia! Não morri! Ao ter me assumido como sapatão, tive a sensação de libertação, nascimento e pertencimento ao mundo. Mesmo lidando com a pandemia, a morte e o luto, a vida como nos ensina Cecília Coimbra (2021) insistia em vazar na criação de corpas/corpos/corpes resistentes. Em suas palavras: “Mesmo nos territórios mais endurecidos, áridos e tristes, apesar da escassez de porosidade, a vida insiste” (COIMBRA, 2021: 145).

No segundo semestre de 2021, eu não estava atendendo na “clínica”. Eu me encontrava sem grana para locar um consultório, a fim de realizar os atendi-

mentos presenciais na cidade onde estava. Naquele momento, eu me dedicava às leituras das obras *Mil Platôs* e *Anti-Édipo*, de Gilles Deleuze e Felix Guattari. Relia Conceição Evaristo, Heliana Conde e Cecília Coimbra. Essas autoras são intercessoras, que me auxiliaram em construir e apostar numa “clínica menor”.

Mas, antes das referências que leio, teve uma amiga importante nesse processo de me tornar uma “psicóloga forasteira” apostando numa “clínica menor”, que me convocou a sair do meu lugar de conforto. Um dia, eu me encontrava lendo debaixo de um limoeiro, quando recebi a ligação de uma amiga. Ela me dizia que estava atendendo na quinta-feira e na sexta-feira o dia todo numa ONG. Relatou alguns casos, e, logo, eu disse: “De onde está vindo “essa gente”? Ela, então, me informou que partia do coordenador da ONG *clandestina*, se direcionava a ele como um “cafetão”. Era ele o responsável por encaminhar as pessoas que estavam em busca de atendimentos psicológico por um valor social. Na época, o valor da terapia era de 30 reais, sendo que 10 reais eram destinados para a ONG. Ela me informou que ali era um território que possibilitava a oportunidade de criar uma escuta MENOR, de DESconstruir e se formar como psicóloga. A partir daquela nossa conversa, ela me fez o convite para estar atuando em seu lugar, pois havia conseguido um emprego de carteira assinada. No mesmo dia, aceitei o convite dela.

### **Produzindo encontros e presença na “clínica”**

A celular desperta às 5 horas. Levanto ouvindo Clementina de Jesus “Marinheiro só”, tomo meu café e vou para o ponto da minha carona, rumo a duas horas de viagem para a cidade dos sinos. Levo, na minha mochila, bananas, uma garrafa de água, uma caixinha de música e livros de poesia. Uma “psicóloga” precisa sempre ter um livro-máquina de poesia dentro de sua bolsa. É uma das ferramentas que poderá vir a ser utilizada no seu trabalho “clínico”.

Começo meu dia fazendo micropolítica nas caronas entre Lavras (MG) e São João del-Rei (MG). Os motoristas são homens cis brancos heterossexuais e demonstram sua virilidade no trânsito. A maioria deles votou no Bolsonaro! Essas caronas foram exaustivas. Além de enfrentar as estradas esburacadas, tinha que ouvir a escrotidão de machos que fedem machismo, misoginia, sexismo, transfobia e lebosfobia.

Ao chegar à cidade, aguardava num ponto um transporte que me levaria em direção à ONG. Chegando lá, eu me abastecia de café e de uma boa prosa mineira, dava uma caminhada pelo espaço, cheirava as plantas e tocava um pouco de violão. Logo, as mulheres sobreviventes que atendiam iam chegando... Elas são narradoras! Lutam e resistem contra as opressões de gênero, raça, sexualidade e classismo. Ao chegarem, eu me questionava: o que fazia com que essas mulheres descuidassem de sua potência, o que provocava tanta raiva, tristeza e abandono? O machismo, aqui, é um analisador, que nos acompanha aqui desde o início. Ele é uma peste, que marca seu lugar nas narrativas da maioria das mulheres que pude atender. Jota Mombaça (2021: 69) nos alerta e ensina:

A masculinidade tóxica como projeto de poder deve ser abordada em qualquer discussão sobre a distribuição social da violência. A violência cismasculina é uma transversal de normalização de gênero e controle social. Ela afeta não apenas mulheres cis e corpos não heterossexuais e trans, mas também os próprios homens cisgênero que têm de alcançar esses graus ideias de virilidade, a fim de cumprir com aquilo que a normalidade de gênero requer. Entretanto, essa distribuição desigual da violência – que constrói corpos cismasculinos como intrinsecamente viris – é responsável, numa



escala micropolítica, pela manutenção do medo como base das experiências trans, dissidentes sexual e feminina para com o mundo.

Um dos casos a respeito de agressão e masculinidade tóxica é a narrativa de Baca, uma mulher negra, magra e de altura média. Ela, a plantinha Baca, chegou até a ONG *clandestina* de bicicleta, estava sem adubo e com pouca terra. Ela estava descuidada de si. Suas folhas estavam para baixo, mas ainda havia folhas. Ela procurava por mais água, terra e escuta. O primeiro encontro traz como cena de como ainda era possível renascer, de como ainda existiam processos de força ali ainda presentes.

Baca trouxe, como queixa, a ansiedade. Segundo ela, as sensações de ansiedade estavam tirando o seu tempo presente. Baca, ao tentar falar sobre sua queixa, se retirava da sala repetidamente para ir ao banheiro.

Ao voltar pela 14<sup>a</sup> vez, eu deixei que ela conduzisse e disse que estava tudo bem e que agente tinha tempo naquela tarde. Depois, intervimos mostrando interesse de como se davam esses movimentos de ansiedade e o que lhe trazia essas sensações. Eu a perguntava: como isso se deu? A partir de quando? Logo, perguntei: como eram seus dias, o que ela mais gostava de fazer, o que lhe tirava do sério? O que parou de fazer estando nesse processo de adoecimento, de crise? Apareceu muita coisa. Um dos fios da conversa foi o cinema e, do outro lado, o seu agressor (um sapo).

Baca, então, expeliu, no chão, sangue junto com uma gosma branca de uma cena do sapo abaixando suas calças para ter relação sexual forçada com ela. Foi a partir dali que tudo mudou! Baca passou a não florir mais e se fechou. Sentia uma dor na região pélvica todas as vezes que se lembrava da cena. Ela, então, corria ao banheiro, descia as calças e podava as folhinhas que insistiam em florir.

Eu propus a ela resgatar todas as memórias malditas que a atormentavam. A cada sessão, ela expelia sangue e gosmas brancas, amarelas, vermelhas e verdes até que, um dia, começou a expelir secreção. Ela começou a não sentir mais aquele desconforto e aquela dor. As folhas de Baca foram ganhando força: “Curar significava recordar e reviver, restaurar a capacidade de reagir, de certo modo ‘esquecer’ após ser capaz de recordar. Que tipo de acontecimento podia provocar esta retenção de memória?” (RAUTER, 2012: 23).

Ao mesmo tempo, as intervenções assinalavam a respeito da relação abusiva que ela vivia e dos lugares de risco que essa relação a colocava: “Os homens humilham e agredem, as mulheres têm medo, vergonha e se sentem culpadas. Os homens agem, as mulheres sentem” (GREGORI, 1993: 145). Baca não assumia um discurso de vítima. Pelo contrário, dizia que tinha estratégias para enfrentar a brutalidade do marido e que tinha conhecimento de plantas venenosas e poderia inseri-las despercebidas na marmita dele.

Ela narra que, quando seu filho mais velho cresceu, ele passou a ser o seu escudo de proteção. O marido passou a não a agredir mais fisicamente, porque passou a temer a presença masculina de seu filho. Todavia, os gritos e o descontrolo da raiva produziam agressões psicológicas e emocionais em Baca. Havia, também, abusos sexuais, tendo em vista que, nas noites quando iam se deitar, “ele não sabia ouvir não, me tratava como se eu fosse um animal”.

Baca passou a produzir um discurso de que a dor na região pélvica havia ocorrido a partir do acontecimento de estupro que vivia com ele. Ela se utilizava desse discurso como estratégia para não ter relação sexual com ele. Todas as vezes que ele desejava ter relação, Baca se punha de pé e mostrava os exames médicos que afirmavam que ela estava doente, mas que, até então, não sabiam

ainda a/o causa/diagnóstico ou o motivo da dor na região pélvica. Assim, deu início uma derradeira luta para descobrir através da medicina o que estava se passando com a corpa de Baca.

Até que um dia, debaixo de uma árvore de abacate, Baca pôs para fora suas memórias malditas que tanto a sufocavam. Por meio das palavras, aquele ato foi libertador. Trabalhamos sobre a vida regada ao trágico, lemos poesias em voz alta e aproximamo-nos de filmes, como o documentário *Eu Maior, Que horas ela volta, O sétimo prisioneiro*, a série *Maid e Terra em transe*.

Após esses primeiros encontros, Baca passou a narrar seus desejos, a se lamentar por não ter tido uma formação acadêmica e a relatar desconfianças amorosas do marido com a própria irmã. Porém, mesmo tendo um afeto pelo marido, as violências e os abusos que ele cometia com ela se sobressaíam na relação de ambos. Cabe dizer e refletir que: “relacionamentos conjugais são de parceria e que a violência pode ser também uma forma de comunicação, ainda que perversa, entre parceiros” (GREGORI, 1993: 148).

Era insurgente, para Baca, se responsabilizar e elaborar suas escolhas diante das violências que lhe eram acometidas. Entretanto, ela quis manter o sapinho ao seu lado. Foi preciso reconhecer a sua cumplicidade naquela situação toda em que ela estava mergulhada dos pés à cabeça. Ela “se” percebeu. Começou a não ir às sessões para ver filmes. Assim que acabava de arrumar todas as tarefas de casa, deitava no sofá e ia ver *Netflix*. Sempre que faltava, pedia sugestões de filmes. Entendi que Baca estava fazendo do cinema o seu divã. Quando ia à terapia, estava cada vez mais florida. Um dia, resolveu se dar alta mediante uma mensagem via *WhatsApp*. Disse que já não sentia as dores e incômodo na região pélvica e que estava leve sem carregar esqueletos mortos. Pediu a gentileza para eu continuar indicando filmes.

*Chove nos meus olhos.  
Um vento assim frontal  
Vindo com velocidade  
Talvez de um besante  
Lançado longe ao lago.  
Chove durante a tarde.  
e os pés apesar de secos  
simulam areias fundas  
poças lamas roçados  
chove nos meus livros  
passados e nas páginas  
que não se abriram na  
tablatura míope dos  
olhos que cantam uma  
chuva fina de lentes  
cegas e bem molhadas.  
Chove nesta cidade sob  
o manto pesado de julho  
e nunca haverá ouvido  
para tudo que seca na  
letra manchada de charco  
tela manchada mente que  
há fazer diversos a morrer  
dentro dos meus livros  
aberto sobre mim.  
(PEQUENO, 2019: 41)*

## Inclusão

As práticas que atravessam uma “clínica menor” como campo de força que põe de pé vêm da busca de experimentação de “receitas” de livros de literatura, aulas de violão, filmes que desacomodam, prática de plantio de flores, chás, encontros que lançam um convite ao encantamento à vida, a produção de possibilidade estéticas de se reinventar e compor a existência, a experimentação tendo como princípio o cuidado e a prudência, a elaboração a partir do confronto e lugares desconfortáveis que permitimos ficar, a busca pela clareza das nossas cumplicidades que nos fazem desejar ficarem em situações de risco e violência; a cultivação do NÃO afirmativo, a suspensão das demandas; a permanência de ficar sempre na espreita. Estas, enfim, seriam pistas para produzir uma “clínica” criativa e saudável.

Por fim, este escrito parte de um convite afetuoso a todas as psicólogas: que vocês possam se implicar também com as suas práticas, pois a vida é produção de subjetividades, organizada e capturada pelas forças de um sistema capitalista desigual, no qual os marcadores sociais de gênero, sexualidade, raça, classe, idade etc. são analisadores, que nos colocam em lugares e experiências singulares no contexto da cidade, cabendo dizer que esses territórios da cidade estão em disputa o tempo todo. Com a “clínica”, não seria diferente. Portanto, recriar e mobilizar circuitos de afeto e criação da existência de uma “clínica menor” que afirme a vida, sem ter que recorrer e mobilizar enquadramentos excludentes que capturam as forças, são modos criativos de criar outros possíveis.

Tem momentos de absoluta solidão. Esperar um resultado de exame, um amante que não chega, o sangue que saiu da cara voltar quando você está no vaso tentando ficar acordado com uma virose sem rumo, o dia de pedir empréstimo no banco. É chato pra caralho. É vergonhoso cagar mole por excitação de sexo ou de medo. Melhor é não perceber que a gente ainda vive, porque é nessas horas de horror que cada capilar vira do avesso e dói. Bonito mesmo é uma vida morna, uma caneta sem tampa, um post de uma unha feita no instagram. Por isso a maioria das pessoas acaba ficando em casa pra ver a reprise do velório do Gugu. Estou procurando lugar para morar e é uma solidão a mais isso, a falta de noção de onde se meter nesses anúncios dos aluguéis dos sites onde o povo só põe foto do chão dos cômodos, a chave num escritório longe de pegar, a lista de documentos do contrato que é a cara da sua mãe com um chinelo na mão, pronta pra visitar a bunda de sete anos, culpada por todas as fudas do mundo, o horror de quem vai fiscalizar a casa velha de onde você sai. Ficou ali um adesivo no piso que nunca desgrudou e parece que tem todas as células mortas suas, as brochadas, onde uma coisa sem nome que é só sua ficou enalacrada como vontade sem uso, entrou nas vigas junto com o último papel higiênico que você usou um dia para tapar um troço que escorria na calça por falta de absorvente e nunca conseguia desovar, o papel pequeno e amassado ali com a forma da vagina e do rego, escondido na parede, mas cheirando a ácido. (NEVES, 2021: 93-4)

*Recebido em 30 de março de 2022.  
Aprovado em 20 de agosto de 2022.*

## Referências

- BOCK, Ana. Psicologia como Profissão: Entrevista com Ana Bock. *Psicologia Ciência e Profissão [online]*, 30 (n. sp.): 246-271, 2010.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembléia*. Tradução Fernanda Siqueira Miguens. Revisão técnica Carla Rodrigues. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- COIMBRA, Cecília. *Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.
- COIMBRA, Cecília. *Fragmentos de memórias malditas: invenção de si e de mundos*. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos: Textos e entrevistas*. Edição preparada por David Lapoujade. Tradução Guilherme Ivo. Revisão técnica Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-édipo*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2011c.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2011d.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2011e.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico: As heterotopias*. Posfácio Daniel Defert. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n- 1 Edições, 2013.
- FUNGANTI, Luiz. Palestra: *Direitos Humanos? e a Potência de Criar Valores?* s.d.
- GREGORI, Maria Filomena. As Desventuras do Vitimismo. *Revista Estudos Feministas*, (1): 143-149, 1993.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: Um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- MIZOGUCHI, Danichi Hausen. *Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2013.
- MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NEVES, Marta. *3 barrigudinha 10 real*. Belo Horizonte: nun e edições de artista, 2021.

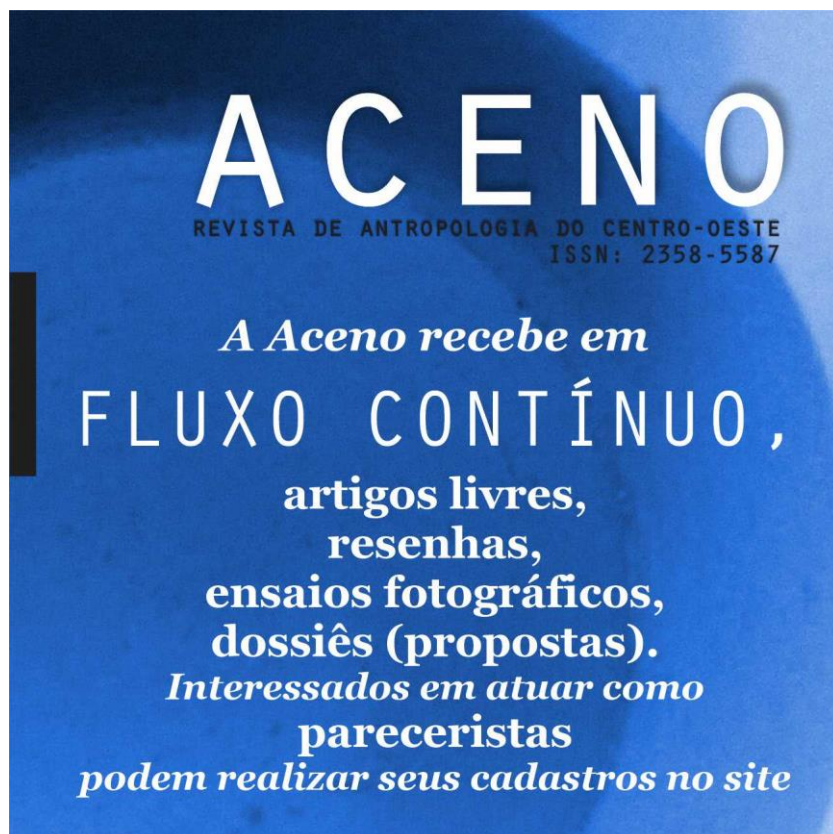
NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PATTO, Maria Helena Souza. “Prefácio”. In: COIMBRA, Cecília. *Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995. pp. 1-2,

PEQUENO, Tatiana. *Onde estão as bombas*. Edições Macomdo, 2019.

RAUTER, Cristina. *Clínica do esquecimento*. Niterói: Ed. da UFF, 2012.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.



# ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

*A Aceno recebe em*  
**FLUXO CONTÍNUO,**  
artigos livres,  
resenhas,  
ensaios fotográficos,  
dossiês (propostas).  
*Interessados em atuar como*  
**pareceristas**  
*podem realizar seus cadastros no site*